

Echos de Guimarães

Director e Editor, Antonio de Carvalho Cyrne

Administrador, Antonio Dantas

Redacção: Praça de S. Thiago
Administração: Rua de Payo Galvão, 70

SEMANARIO MONARCHEICO

Propriedade da Empresa

DOS

Echos de Guimarães

Officinas de composição e impressão

Typographia Minerva Vimaranesse

68, Rua de Payo Galvão, 72

GUIMARÃES

A reunião dos Jornalistas Monarchicos

Efectuou-se no passado domingo em Lisboa uma reunião de directores de jornaes monarchicos, a que tambem concorreram representantes de jornaes catholicos. Fazemos esta distincção pelo meticoloso cuidado com que estes ultimos Senhores accentuaram a qualidade primacial com que ahi se apresentaram, de jornalistas catholicos.

A essa reunião teve esta modesta gazeta a honra de ser convidada.

Era nosso desejo e firme tenção não desperdiçarmos o prazer de nos acharmos em tão boa companhia e ir um de nós, dos que semanalmente aqui expomos o que nos consentem dizer, tomar pessoalmente conhecimento da comunicação que o sr. D. Manoel se dignava fazer-nos.

Difficultades insuperaveis da ultima hora nos obrigaram a desistir do nosso intento, e a pedir ao illustre e nunca assás glorificado Director do «Dia», sr. J. A. Moreira d'Almeida, a honra insigne de nos substituir.

S. Ex.ª com amavel condescendencia dignou-se aceitar o encargo, com requintes de muito penhorante cortezia, pelo que nos confessamos altamente lisongeados e reconhecidos.

Nessa reunião, convocada como acima dizemos, para tomar conhecimento da comunicação d'El-Rei, explicou o sr. Conselheiro Ayres d'Ornellas, seu digno logar tenente, os intuitos e desejos do sr. D. Manoel, e exprimiu os sentimentos de reconhecimento do Monarcha pelo que nós, os jornalistas monarchicos, temos feito em prol da causa da realza, e recommendou-nos que continuássemos a pautar o nosso procedimento, a exercermos a nossa acção de orientadores da opinião tendo sempre em vista as conveniencias nacionaes baseadas na velha alliança com a Inglaterra.

Com a franqueza e desassombro que formam o fundo do caracter d'esta folha, confessamos que esperavamos outra coisa, não porque não acatemos com o devido respeito a regia recommendação, mas porque ella se torna tão desnecessaria como o agradecimento de El-Rei, que registamos apenas como uma demonstração da sua extrema cortezia.

Com effeito, qual seria o jornalista Monarchico tão falho de espirito de previsão, tão falho de conhecimentos historicos, tão desprovido de memoria, tão desprotegido de Deus, tão carecido de sentimentos humanitarios que não faça votos pela victoria dos aliados e principalmente pela derrota da Allemanha, fera bravia, desenhada, que tudo ameaça, tudo destroe e nada respeita, desde a fraquesa dos velhos, das mulheres e das creanças até á dignidade das nações — a sua incluída! — para quem a fé dos tratados é uma coisa descabida por incompreensivel?

Quem haverá ahi que não tenha estremeado de horror ao ler diariamente a serie infundavel de atrocidades que a Allemanha pratica num requinte de crueldade ja-

mais usada, servindo-se dos meios mais vis e mais desleaes para coagir os seus contrarios a cessarem e desistirem da montaria que para socego e tranquillidade do mundo lhe fazem?

A esse paiz, patria de philosophos, a essa nação a que pertencem os maiores sabios e os mais profundos pensadores, os mais intelligentes negociantes e os mais perfectos artifices, não lhe bastava a supremacia da sciencia, do commercio e de industria: queria tambem a supremacia politica sobre as outras nações, e a isso sacrificou a vida de milhões de homens na pujança da vida, enlutou para sempre milhões de lares onde a tristeza se assentou para sempre, onde nunca mais a alegria reinara.

A victoria da Allemanha seria a negação do direito de viver, ás nações que como a nossa, não podem dispôr de milhões de homens e de milhares de canhões; seria a negação do direito á liberdade dos pequenos povos honestos e pacificos, que preferem á gloria de dominar o mundo, o prazer de viver despreoccupados e tranquilos.

Não, não ha jornalista monarchico, dos que os transes desgraçados d'estes ultimos annos da vida da Nação Portuguesa se fizeram apostolos da nova monarchia, e nella baseia a regeneração da Patria que não faça os mais sinceros e ardentes votos pelo triumpho da Belgica heroica e innocente, da Servia augusta, da Russia magnanima, da Inglaterra, terror dos fortes e amparo dos humildes, e da França luminosa.

Os jornalistas monarchicos, á parte o seu sentimentalismo de homens de coração, que os leva a amar a causa da justiça e do direito, que é a causa dos aliados, veem felizmente a situação que a fatalidade que peza sobre a desgraçada Nação Portuguesa lhe creou, e sabem bem que o triumpho da Allemanha seria o fim da sua velha nacionalidade outrora tão gloriosa.

Portanto, estabelecidos estes pontos como verdades incontrovertiveis, voltamos a dizer, que esperavamos versasse sobre outro ponto a comunicação que o Monarcha se dignava fazer-nos, pensavamos que ella visasse a nossa organização partidaria.

Com effeito a comunicação directa de El-Rei honra-nos muito... mas mais nada.

Cada um dos cavalheiros que concorreu á reunião, representava a sua opinião pessoal; todos juntos podiam representar um conjunto de opiniões unanimes, coisa rara, mas coisa admissivel, mas nenhum representava a opinião do partido monarchico, porque, se os jornalistas monarchicos são os orientadores da opinião monarchica, em compensação não podem legitimamente considerar-se como representantes d'essa opinião, sendo as suas gazetas órgãos da sua opinião pessoal e não órgãos da opinião do partido, que logicamente não existe.

Bem sabemos que de facto, a opinião da maioria, senão da unanimidade dos portuguezes monar-

chicos, está absolutamente consubstanciada no que nós dizemos nas gazetas, mas, é isto sufficiente? é isto razoavel? Será logico que vendo o edificio social prestes a abater-se ao sopro do tufão de demencia que sobre elle sopra, nós, os monarchicos, esperemos que elle se desmorone para depois procurarmos para o erguermos do chão, alveneis que podem ser já velhos e cançados, ou aprendizes sem pratica de construção?

Não será preferivel tratarmos desde já de armarmos os guinchos e os guindastes, carregarmos os materiaes, pôr em ordem as avancas e as picaretas, e collocar ao lado de cada machina, de cada peça de ferramenta o operario idoneo para a mover?

Seria isto o que nós faríamos se vissemos vacillantes nos seus alicerces estas velhas paredes que limitam o nosso campo de visão objectiva, mas, nós nada mais somos do que improvisados jornalistas de provincia, miseros ferros velhos, procurando num canto escuro, á luz morticia de fumarenta candeia, alguma coisa que, por ser velha, possa ainda assim servir.

D. Alexandre Saldanha da Gama

Em Paris, na casa de saúde do Dr. Dubois, onde se encontrava em tratamento, falleceu o venerando fidalgo e illustre chefe do Partido Legitimista, sr. D. Alexandre de Saldanha da Gama.

A illustre familia enlutada, ao Partido Legitimista e ao nosso querido collega «A Nação» enviaram os *Echos de Guimarães*, os seus sentidos cumprimentos, abastando em funeral a sua bandeira politica, ante o feretro do eminente Portuguez.

CONSELHEIRO ANTONIO CABRAL

Publicou o *Liberal*, nosso illustre collega da capital, um brilhante artigo intitulado «A Monarchia não volta», da auctoria do eminente homem d'Estado e nosso querido amigo sr. Conselheiro Antonio Cabral.

Os *Echos de Guimarães*, conscios de que cumprem um agradavel dever, transcrevem, com a devida venia, o brilhante artigo, testemunhando ao seu illustre auctor, todo o seu apreço e sympathia.

«A Monarchia não Volta»

É frequente ouvir-se, por ahi, a cada esquina, ou ler-se em columnas de alguns jornaes... que tambem são esquinas d'outra natureza, uma phrase, que, de tão dita e redita, já está mais puida e mais gasta pelo uso do que as casacas viradas de muita gente que eu conheço e os leitores tambem. Essa phrase é esta: «A Monarchia não volta!...» E os que tal es-

crevem ou dizem erguem-se orgulhosos sobre os tacões, como se tivessem proferido uma sentença mais sabia do que as de Salomão, ou expressado um pensamento mais profundo do que os do imperador Marco Aurelio!

«A Monarchia não volta!» E' o thema de artigos escriptos por quem não está convencido, mas quer, na verdade, convencer-se de que não volta a Monarchia a Portugal. E' o estribilho impertinente dos que adheriram ao novo regimen, que dá empregos e distribue prebendas; dos commodistas, que assim cobrem a sua inacção, a sua inercia criminosa, com uma desculpa sem valor; dos que se apresentam como desiludidos e descrentes para se pouparem a canceiras e trabalhos; dos que tanto concorrem, pelos seus erros, para o advento da republica e agora não querem ou não sabem redimir-se por meio de actos que, sendo em prol da Monarchia, são tambem em beneficio da Patria.

«A Monarchia não volta!» Mas porquê? Porque não ha-de voltar a Monarchia, emendada dos desastres que a perderam, arrependidos, os que a serviram, de a ter levado por um caminho que os factos demonstraram ser invio e de mau trilho?

Como se enganam os que dogmaticamente affirmam que a Monarchia não volta! Esses, ou pretendem proposadamente illudirse, ou ignoram absolutamente os exemplos que nos dá e ensina a Historia. E como é certo ella repetir-se tantas vezes!...

Folheemos a Historia. Poderia eu citar as paginas da historia antiga, e depois lembrar que o povo romano, o povo rei que deu leis ao mundo, passou da republica ao Imperio e que este, durante mais de tres seculos, fez grande e omnipotente aquella intemerata raça de heroes. Desnecessario é, porém, retroceder dos tempos modernos e fazer menção de exemplos longinquos. Não é preciso sahir das fronteiras das nações da nossa raça, com as quaes visinhamos e mais de perto convivemos.

Vejam os que succedeu em Hespanha.

Foi ha pouco mais de quarenta annos. O rei Amadeu, que uma revolução alteára ao throno dos Bourbons, abdicou, desanimado, defallecido, sem coragem nem animo para arcar com as difficuldades gravissimas da situação em que se encontrava. Em fevereiro de 1873, era proclamada a republica em Hespanha. Pois bem! Em dezembro de 1874—vinte e dois mezes depois—, a seguir ao pronunciamento de Sagunto, a Monarchia era restaurada, e ainda hoje são as instituições monarchicas tradicionais que governam a nação visinha.

Voltemo-nos agora para a França. Ahi, duas vezes, a seguir á republica, foi proclada a Monarchia. Com a grande e sanguinolenta Revolução, fez-se a primeira republica; mas com o golpe de Estado do 18 brumario formou-se o Consulado e cinco annos depois surgiu a aurora gloriosa do Imperio, com Napoleão I como senhor absoluto da França e quasi

da Europa inteira. Voltaram, em seguida, os Bourbons, depois de Luiz Filippe, até que a revolução de 1848 de novo implantava em França as instituições republicanas. Quanto tempo governaram estas as tertas da velha Gallia?—Menos de quatro annos. O golpe de Estado de 2 de dezembro de 1851 novamente collocaria no throno francez um Imperador—Napoleão III, ou *Napoléon, le petit*, como Victor Hugo chamou ao homem que a Allemanha esmagou ás portas de Sédan.

Eis ahi a Monarchia duas vezes proclamada em França, depois de ali ter sido revolucionariamente hasteado o pendão republicano. Bem sei que são as instituições republicanas que hoje governam a grande nação latina, mas este facto não apaga nem rasga as paginas da Historia, e d'esta consta que, por duas vezes, em França, a seguir á republica voltou a Monarchia.

Provado fica, pois, creio eu, que se aquelles que ahi escrevem e dizem frequentemente que «a Monarchia não volta» querem exprimir a ideia de que em Portugal não pôde regressar-se ao regimen monarchico, erram grosseiramente, enganam-se, ou pretendem illudir os outros, como os factos que deixo evocados em fugidio escorço, á saciedade demonstram. Depois, teem-se visto coisas mais extraordinarias. Não estamos vendo, com admiração, com pasmo, unidos no mesmo governo, homens que se tinham tornado incompativeis para sempre?...

A Hespanha e a França, pelo facto de passarem da republica para a Monarchia, nem por isso deixaram de avançar e de progredir. Caminharam sempre. Ambas as nações nossas visinhas, principalmente a segunda, quer sob a republica, quer á sombra da bandeira monarchica, nunca deixaram de indicar e ensinar ao mundo qual devia ser o trabalho a desenvolver para se alcançar a perfeição social. E foi talvez á luz clara d'esse ensinamento que a Noruega, ha poucos annos separada da Suecia, preferiu as instituições monarchicas ao regimen republicano. E a Noruega é um grande povo.

Tudo isto já eu escrevi, em tempos idos, em um numero, hoje de todo esquecido, de *O Liberal*. Não é, porém, mau repetir e accentuar que a tendencia conservadora que actualmente se nota em toda a Europa e designadamente na França, me auctorisa a crer que, ao fim da guerra assoladora que espalha o luto e a dôr por tantos corações despedaçados, uma radical mudança de instituições se dará em mais de uma das nações latinas que no tremendo conflicto andam empenhadas.

Será assim? Não será? A resposta ha de dal-a o futuro. Por mim, pendo para a affirmativa.

Antonio Cabral.

Jantar de despedida

Um grupo de amigos do sr. Antonio de Carvalho Cyrne, intelligente director d'este semanario, resolveu offerecer-lhe um jantar de despedida como preito de homenagem ás suas bellas qualidades de character.

Para esse jantar inscreveram-se já, numerosos amigos de Sua Ex.ª

Um administrador de encomenda

Um dos artigos do libello accusatorio que o administrador de encomenda, seguro da sua impunidade, exprou ao clero, foi que este ameaçava o povo com o inferno, se votasse nos republicanos. Parece-nos bem, que nenhum parcho chegou a este ponto, que aliás era escusado, sobre imprudente. O clero conhece bem as circumstancias de vigilancia e malevolencia em que se encontra; e por isso, a não ser algum padre, cuja graduacao intellectual seja parella á do administrador, cremos que terá a discricao e tento conveniente com a lingua.

Mas concedamos por um pouco, que de facto alguns parchos chegaram a esse extremo. Que mal ha nisso? Essa ameaça é puramente moral, affecta unicamente a consciencia. Oxalá que todas as ameaças que nos veem do campo republicano tivessem somente este caracter! Veriamos então em que paravam as adhesões, as sympathias, as dedicações com que o regime é servido.

A ameaça do inferno não coage a liberdade como a ameaça de bombas, de demissões, de encarceramento, de processos injustos. Se o individuo ameaçado não crê no inferno, fica-se a rir de quem o ameaça; e se crê, consulta a sua consciencia e logo vê se a ameaça tem ou não fundamento. De modo que, embora os parchos tivessem ameaçado os seus parochianos com o inferno, se elles enfileirassem nas eleições ao lado dos democraticos, isso não era motivo para os criminar; porque não exerciam nenhuma violencia ou coacção. O povo ficava com a sua plena liberdade de se determinar á vontade. A sua consciencia, que está fóra do alcance de todas as tyrantias, saberia indicar-lhe o caminho a seguir.

Oh! se todos os homens se guiassem unicamente pelos ditames da sua consciencia, as eleições não seriam essa burla que todos veem.

Mas dirão os republicanos: ameaçar o povo com inferno é abusar da sua ignorancia e da sua superstição e nós não podemos consentir nisso. Por quem nos manda Deus avisar! Abusar da ignorancia do povo! Quem alçapremou os nossos governantes aos altos postos e gordas postas que estão fruindo, senão a ignorancia do povo? Prometteram-lhe que as contribuições haviam de ser diminuidas, que a administração da justiça havia de ser mais recta e menos dispendiosa, que as liberdades seriam alargadas e mais solidamente garantidas, que as subsistencias se tornariam mais baratas, que os abusos acabariam, etc. E o povo na sua simplicidade nativa cteu e enguliu todas essas perfidas fallacias, e offereceu o ombro para os seus salvadores, libertadores ou redemptores subirem... e agora que diga se está ou não bem servido.

Enternece ver essa amiseracao que os democraticos teem, do povo! São tão compadecidos que, quando elle, julgando-se soberano, como mil vezes lh'o teem suggerido os comicios e arengas dos seus libertadores, pretende exigir o respeito dos seus direitos e o deferimento das suas reclamações com a voz um pouco mais alta, mandam-no acutillar pela policia ou pela guarda republicana.

Que criterio tão divertido, se não fosse tão indecoroso, o dos democraticos! Se o povo dá vivas ao *dictador vitalicio*, louvam-no, exaltam-no, elevam-no a soberano; mas, se elle desilludido de tantos embustes, confessa que não crê nos seus salvadores, e se volta para o outro lado, então accusam-no de ignorante, de lapa, de supersticioso.

Se os republicanos estão senhores da verdade, não devem temer aos que usam de lendas e superstições para os combater.

Se a verdade de per si não tem efficacia para se insinuar e dominar nas consciencias, então em que havemos de crer e confiar?

Por ventura a mentira e o erro terão um mais forte imperio do que a verdade? Se teem, expliquem-nos este mysterio elles que como lyres pensadores não creem em mysterios.

Pois bem; não teem os republicanos tantos meios—a imprensa, a conferencia, o comicio, o folheto, o livro—para convencer o povo de que não vai para o inferno, ainda que se acocore e prostre deante do *dictador vitalicio* e o venere como Jupiter omnipotente?

O que nós queremos é que do seu lado só empreguem meios moraes, como nós fazemos do nosso lado; e que deixem ao povo, como soberano, escolher o rumo que quer seguir.

Como veem, não ha ninguem mais respeitador da liberdade do que nós. E se o clero ameaçou o povo com o inferno, porque não ameaçam elles com o descontentamento do *dictador vitalicio*, com as tristezas da republica, com a malaventura d'outro regime, com o ranger dos dentes da carbonaria?

Mas é preciso que essas ameaças não passem de palavras, como não passam as do clero.

Disse o administrador *encomendado* ao clero, que se deixasse de politica e se mettesse com a igreja. Aqui está mais um aviso que não é de homem avisado. Se o padre se mette na igreja e ahí exerce com pontualidade e zelo as suas funções sacerdotaes, desinteressando-se de tudo mais, accusam-no de hypocrita, de fanatico, de reaccionario; se pelo contrario elle, sem desprezar os actos religiosos, vem para o meio da sociedade e ahí affirma, como S. Paulo, a sua qualidade de cidadão e quere intervir na administração da nação, então porque a sua presença de honestidade e rectidão incommoda os ambiciosos e os corruptos mandam-no metter-se com a igreja. E assim o padre é um objecto de contradicção como já foi Jesus Christo, de que deve ser imitador.

Lastimam alguns republicanos o desprestigio que o clero, intervindo nas eleições, lança sobre a religião. A page refinadissimos hypocritas! O que elles querem e nisso é que teem lidado insistente e permanentemente, é eliminar do seio da sociedade portugueza a ideia christã. Por signal que, estando divididos por interesses e rivalidades encontrados, numa só coisa se unaniamam perfectamente: é no odio e perseguição á religião catholica, cujo aniquilamento em Portugal vaticinou o chefe democratico dar-se dentro em poucas gerações. E ainda nos veem agora lastimar farsaicamente o deslustre que os abusos do clero podem causar á religião!

A quem pretenderão elles illudir com o seu zelo refalsado? Ah! se elles vissem que a intervenção do clero nas eleições concorria para o desantozar, não envidariam esforços para evitar essa intervenção, mas pelo contrario envidá-los-hiam para que ella se desse.

Um observador.

MONUMENTO NACIONAL!

Velho templo da Oliveira! Resistiu tantos annos á furia dos tempos e ao vandalismo dos innovadores, e agora lá vai, lá se derruba, lá desaba, lá começa a desaparecer pouco e pouco, desagregado pela acção das chuvas, dos ventos, da neve e da humidade. Velho templo da Oliveira, le-

vantado pela fé d'um povo, cimentado com o sangue de heroes, talhado com a espada dos guerreiros, regado com o suor dos nossos antepassados; monumento vivo, pagina brilhante da nossa historia, quem te viu e quem te vê!!

Eu sinto ali o latejar de sangue de heroes e santos, a alma d'um povo guerreiro, e trabalhando, o dinheiro, o esforço, as fadigas de tantos homens que honraram o passado e quizeram deixar uma historia aos vindouros, e vejo tudo perder-se, tudo caindo ao desamparo, como um curral abandonado na agrura das serras ou um logar maldito que os homens desprezam.

Que tristeza e que revolta nascem na minha alma de conservador apaixonado, e tradicionalista impenitente!

O que não conseguiu fazer o tempo e a intemperie, o que não puderam os vandalos e outros *barbaros*, vai levá-lo a effeito a incuria dos homens de hoje, se não o odio demagogico ao que é tradição e fé.

Ha 7 anos que os telhados de N. S. da Oliveira não soffrem a minima reparação. As plantas vegetam no lixo accumulado como em cuidado jardim e as aguas da chuva entram em verdadeiras cadadupas, abrindo largas fendas e trazendo adiante de si largos lençoes de calça e estuque que vem desfazer-se no chão, arrastando consigo madeiras e pedras.

Nos claustros cae agua como debaixo dos beirões dos telhados nas ruas, tornando-se perigosa a passagem de modo a conservar-se vedada a passagem por ahí em dias de chuva.

A linda capella de azulejos da sacristia já está tambem contaminada e dentro em algum tempo cae tudo no pavimento, desaparecendo aquelle valioso e antiquissimo trabalho.

Nos altares, nos orgãos, em toda a parte a agua vae alagando tudo, conseguindo com o tempo tornar impossivel uma obra que hoje custaria algumas dezenas de escudos.

Eu já não espero ver brilhar com todo o esplendor aquelle bello monumento gothico, com as suas ogivas, e as suas columnas agora mascatadas com cal e madeira.

Eu já não verei desaparecer a horrivel cornija, o entablement que mutilaram aquella nobre frontaria, nem renascer as columnas da janella gothica, sonho que o actual capitulo não conseguiu ver realizado em virtude do sol crestador que surgiu por entre as arvores da rotunda em 5 de outubro de 1910, mas ao menos não deixem cair aquillo tudo em postas, salvem aquelle monumento nacional.

Lembrar-se a gente que d'ali saiu tanta riqueza que o estado atrecado sem nenhuma despeza e não haver uns magros vintens para conservar aquillo ou até não haver um estadista, um municipio, um povo, uma sociedade, uma commissão, um archeologo ou associacão dos ditos que tenha poder para conseguir cada anno uma receita que podesse não só salvar, mas até restaurar aquelle exemplar de arte antiga!!

Que triste desabaz d'um povo!

Reunião politica

«Hontem, domingo, pelas 3 horas da tarde, reuniram-se na rua da Junqueira n.º 1, os directores ou representantes de diversos jornaes monarchicos e catholicos do paiz, a fim de tomar conhecimento de uma communicacão de S. M. El-rei o Senhor D. Manuel.

Presidiu á reunião o snr. conselheiro Ayres d'Ornellas, que a convocára como representante de

El-Rei, servindo de secretarios os snrs. conselheiro Fernando de Sousa, director da *Ordem*, e dr. Antonio Homem de Mello, representante da *Soberania do Povo*, de Agueda.

O snr. conselheiro Ayres de Ornellas explicou que convocára os directores dos jornaes ou seus representantes e não os jornalistas monarchicos individualmente, por ser aquellas entidades que se dirigia a mensagem de El-Rei; e que nem outra coisa seria pratico, por se tornar impossivel determinar exactamente, sem omissões desagradaveis, todas as pessoas que poderiam ser chamadas na qualidade de jornalistas monarchicos.

Em seguida fez-se a leitura da mensagem de Sua Magestade. Nella examina El-Rei a situacão politica interna e externa do paiz, fazendo vêr como todos os problemas nacionaes se subordinaram neste momento absolutamente á questáo da guerra. Por este motivo recommenda o Senhor D. Manuel á imprensa monarchica o proseguimento na attitude firme e decidido apoio á politica da aliança inglesa, da qual faz uma calorosa apologia, lembrando que ella foi dos Reis e dos estadistas monarchicos, renovada pelo grande Monarcha que foi Seu sempre chorado Pae, e que por isso aos monarchicos, mais que a ninguém, cabe o direito de a reivindicar como base do programma da nossa politica externa.

Preconizando a união de todos os monarchicos em torno do Rei, Sua Magestade recommenda ao mesmo tempo a mais completa unidade d'acção na imprensa monarchica, de fórma a dar-se ao publico a impressáo, perfeitamente exacta, de que constituimos de facto a maior força politica do paiz, e de novo recommenda a inteira abstenção dos monarchicos em qualquer movimento revolucionario durante a guerra.

Em seguida, S. M. El-Rei exprime o seu profundo reconhecimento aos jornalistas monarchicos pelos sacrificios, pela abnegação e pelos soffrimentos que teem votado á causa que defendem, e a sua plena satisfacção pela maneira como o seu representante em Portugal se tem desempenhado da missáo que lhe incumbiu e na qual tem prestado grandes serviços ao Rei e ao paiz.

Finda a leitura, usaram da palavra os snrs. dr. Annibal Soares, conselheiros Antonio Cabral e Fernando de Sousa, conego Antonio Moita, dr. Camossa Saldanha, Abilio Piçarra, Moreira d'Almeida e dr. Antonio Homem de Mello, manifestando todos o mais completo acatamento pelas instrucções de El-Rei e a necessidade de as observar estritamente.

O snr. dr. Annibal Soares apresentou a seguinte moção, que foi approvada por uoanidade:

«Os representantes dos jornaes monarchicos do paiz, reunidos em Lisboa para tomar conhecimento da communicacão que Sua Magestade El-Rei se dignou enviar-lhes, exprimem a sua inteira conformidade com as instrucções do mesmo Augusto Senhor, junto de quem levam respectivamente, uma vez mais, os protestos da sua completa e leal dedicacão.

Lisboa, 19 de novembro de 1916.

(aa) Antonio Telles de Vasconcellos
Annibal Soares
J. A. Moreira d'Almeida.

Os snrs. conselheiro Fernando de Sousa, em nome da *Ordem*, de Lisboa, e conego Antonio Moita, em nome da *Revista Catholica*, de Vizeu, declararam que, comquanto os seus jornaes não fossem propriamente politicos, davam comtudo o seu pleno assentimento á doutrina da moção.

Levantada a sessão, trocaram-se ainda impressões sobre assum-

ptos da politica monarchica, tendo falado por diferentes vezes os snrs. Moreira d'Almeida, conselheiro Antonio Cabral, dr. Antonio Homem de Mello, conselheiro Ayres d'Ornellas e Fernando de Sousa, conego Antonio Moita, dr. Annibal Soares, dr. Mattos Graça, dr. Camossa Saldanha e Antonio Telles de Vasconcellos.

A reunião terminou depois das 6 horas da tarde, tendo reinado durante ella a mais perfeita harmonia e conformidade de vistas sobre as diversas questões tratadas.

Estavam representados os seguintes jornaes:

Diario Nacional, pelo snr. dr. Annibal Soares; *O Liberal*, pelo snr. Antonio Telles de Vasconcellos; *A Ordem*, de Lisboa, e a *Liberdade*, do Porto, pelo snr. conselheiro Fernando de Sousa; *O Marcoense*, do Marco de Canavezes, pelo snr. conselheiro Antonio Cabral; *A Soberania do Povo*, de Agueda, e o *Progresso da Feira*, pelo snr. dr. Antonio Homem de Mello; o *Correio da Beira*, de Vizeu, pelo snr. dr. Antonio Camossa Saldanha; a *Revista Catholica*, de Vizeu, pelo snr. conego Antonio José Moita; o *João Semana*, de Ovar, pelo snr. Camata Lima; *O Beirão*, de Castello Branco, pelo snr. José Proença d'Almeida Garrett; a *Folha da Manhã*, de Barcellos, pelo snr. José Gomes de Mattos Graça; *O Povo de Fozcoá*, pelo snr. Abilio Piçarra; *O Mensageiro*, de Leiria, pelo snr. padre Julio Pereira Roque; *A Democracia*, da Covilhã, os *Echos do Minho*, de Braga, a *Gazeta de Famalicão*, o *Commercio de Vieira*, a *Estrella Povoense*, pelo snr. Josué Trocado; *O Dia*, o *Commercio de Guimarães*, e os *Echos de Guimarães*, pelo snr. J. A. Moreira d'Almeida.

Fez-se igualmente representar *A Ordem*, do Porto.

O snr. visconde do Banho escreveu ao snr. conselheiro Ayres d'Ornellas, em nome do *Commercio de Vizeu* e da *Beira Alta*, de Santa Comba Dão, communicando-lhe que estes jornaes se fariam representar pelo snr. conselheiro José d'Azevedo Castello Branco; porém, a sua carta só chegou a Lisboa hoje pela manhã.

Ao nosso illustre e querido collega «O Dia» pertence a auctoría da *Reunião Politica*.

PIOS SURDOS

Para cada um piar conforme o seu caco l'ho permittir.

De Fr. Raphael de Jesus:
—O mundo sem Eva estava sem gala.

Escreva no diminutivo, reverendissimo, escreva no diminutivo que é a sua obrigacão.

Pensamentos de S. Exçellençia

Do celebre livro *Notas d'um Pae*, a paginas 306:

«O que é a repetição dos actos! Dá-se a uma creança um pau de chocolate: não pede mais.
Dá-se-lhe segundo: vem logo pedir outro.»

Para isto ha bom remedio: dar-lhe o segundo antes do primeiro.

França Borges

A sessão de homenagem hontem realisada assistiu o chefe do Estado, fallando o ministro das finanças.

O snr. dr. Affonso Costa, que é recebido de pé pela assistencia e com vibrantes palmas, diz que ainda é cedo para elle, orador, poder fallar do amigo querido que foi França Borges. Todavia, é indispensavel reconstituir desde já a figura moral e politica, d'esse grande morto, que está intimamente ligada á historia do partido republicano. A vida de França Borges é uma lição a seguir.

Todas as homenagens que se lhe prestam são poucas, comparadas com a sua grande obra. Era, sob o ponto de vista pessoal, um homem perfeito, de um grande e generoso coração. Quanto á sua vida politica, elle, orador, assistiu ao periodo mais activo da sua propaganda; conhece todo o seu trabalho e ouviu tambem as calumnias e os doestos que sobre o seu caracter se lançaram. Elle, orador, não tem receio de dizer ali, com a responsabilidade da sua posição, que, se todos os republicanos tivessem a grandeza de alma, a independencia e a tenacidade de França Borges, a Republica seria não só immortall, mas soberanamente gloriosa. E o orador faz, a largos traços, a biographia politica do antigo director do Mundo, pondo em relevo a sua fé republicana, que era verdadeiramente inquebrantavel; as difficuldades financeiras, os sacrificios pessoas a que se sujeitou para manter o seu jornal; as prisões, o exilio, que soffreu, quando da dictadura franquista.

Depois da implantação da Republica, França Borges dedicou-se a um trabalho de harmonia, de reconstituição nacional. Não foi d'elle que partiu o grito de maldição contra os que, tendo servido o extinto regimen, alimentava, no entanto, na Republica a esperança do resurgimento nacional. Contra os conspiradores foi elle implacavel, e nem outra coisa se devia esperar da intrinseca republicana de França Borges. O orador termina dizendo que os homens como França Borges só de seculo a seculo apparecem e o seu logar só muito difficilmente poderá ser substituido, e por isso—exclama—tomemos o compromisso solemne de perpetuar a sua imagem em marmore, e de concorrer, tanto quanto possamos, para que a sua grande obra, o Mundo não pereça.

A assembleia applaude com delirio o orador, o mesmo fazendo quando se levantou o sr. dr. Alexandre Braga, para falar.

Se o grande homem, por excepção, fallou verdade, respiremos!

Pensar que só os nossos bisnetos terão outro França Borges enche-nos de satisfação.

O sr. dr. Alexandre Braga diz que o sr. dr. Affonso Costa, de tal maneira pôs em evidencia a figura nobre e a significação dos actos de França Borges, que foi o mais intemerato dos luctadores republicanos que a elle, orador, quasi nada lhe resta dizer.

Diga ao menos que foi um excellent copo, que é a melhor maneira de o elogiar em poucas palavras.

Carteira Elegante

Echos do meu quarto

Antes queria vêr-te morta,
Num coche, á porta da rua,
Do que, no volver do tempo,
Vêr outro chamar-te sua.

Assim ficavas vivendo
No coração do teu bem,
E já que de mim não fôras,
Não fôras de mais ninguém.

Por causa d'ella...

Na pequena sala, servindo de escriptorio d'um advogado, ainda novato... fracamente illuminada, áquella hora do dia... acabavam de entrar duas senhoras; já idosa uma d'ellas e mais nova a outra, que trazia pela mão uma creança. Dirigiu-se a mais velha, que era mãe e avó da outra e da creança, á secretária do bacharel dizendo:

—Nós queriamos consultar um advogado...

E aqui, como surpreendida pelos bigodes pequenitos do aprendiz do fóro, rodeou o discurso.

—Mas... queriamos um homem já velho... Era para um conselho...

—Pois, minhas senhoras, se V. Ex.^{as} desejam consultar a experiencia dos annos, bem vêm que ainda não tenho neve na cabeça... Ora se é algum ponto de direito talvez lh'os possa esclarecer...

—Sim, é verdade... tartamudeou a mulher, cahindo em si. Tanto farão uns como outros... E' que esta minha filha queria tomar um parecer e eu gostava que a aconselhassem bem...

Sentaram-se as duas, aconchegando a mãe a filha no regaço e tentando debalde acalmar com beijos, o seu feitiço buliçoso, emquanto a avó tracejava rapidamente, a historia, sobre que versava a consulta.

A sua filha casára, havia três annos; o primeiro fóra de ventura conjugal e terminara pelo nascimento d'aquella buliçosa «bébé», mas depois o marido aborrecera-se d'ella e vinha por causa do divorcio...

Aqui o «bébé» deitou por terra um codigo e o advogado aproveitou a interrupção, para «lucidar a situação esbocada».

Aclarou-se que a mulher tinha a seu favor, para desfazer o nó matrimonial

a má lingua do marido, exasperada pelo mau genio da sogra... e a perspectiva de ir para casa da mãe, sem levar meios de fortuna, visto que o unico patrimonio era constituído pelo salario do marido...

Conclusão final: solução juridicamente duvidosa é economicamente inutil...

Tal foi a resposta do advogado, acrescida da declaração, de que não tomaria conta da causa, pois lhe repugnava em consciencia, tratar divorcios, mesmo que o direito fosse certo e conveniente...

—Eu bem lhe tenho dito—emlontou a avó—que se deixe estar... Elle quando está com o vinho é que é peor...

—E' sempre—accentuou a filha... Diz que me ha-de matar... que sou esta, que sou aquella... E' para alli...

—E quando não tem vinho?
—Não é tanto, mas sempre...
A mãe d'elle é a mais culpada...

—Tem elle motivos reaes para dizer o que diz?
—Isso não—disseram em côro as duas.

—Pois então esteja, enquanto puder... Nada lucra separando-se...
—Mas as visinhas dizem que, se eu me deixo estar, é porque é verdade o que elle diz...

—Ora, minha senhora, as visinhas!... Se forem gente de bem por certo não acreditam, desde que v. ex.^a está innocente... se fór gente sem cotação, tambem, pouco deve importar-lhe o juizo que formam a seu respeito!...

Houve uma pausa...
O «bébé» deixara o collo da mãe e fóra lá dentro, desencantar uma vassoura, duas vezes mais alta do que elle...

Ergueu-se a mãe para conter o desatocato, enquanto a avó aproveitava o ensejo para recomendar ao advogado:

—Dê-lhe bons conselhos, senhor... Quando mãe e filha soçegaram de novo, o bacharel observou a teimosia da malcasada, que apenas podia tirar vantagem do divorcio, para casar, segunda vez, civilmente...

—Isso sim!—protestou ella. Como eu fui tão feliz... Se a gente adivinhassel... Elucidou então a avó, já familiarisada, que aquella sua filha tivera, enquanto solteira, muitos namorados, sendo alguns excellentes rapazes... Por fim foi casar com este...

—O que eu queria—atalhou a filha, a quem doiam aquellas explicações maternas—era viver soçegada com esta pequenina... e por isso é que eu...

—Mas supponha v. ex.^a—interrompeu o bacharel—que seu marido se lembra de comprovar as calumnias imputações que lhe tem feito, e que apparecem testemunhas que a tanto se prestam, nesse caso, é natural que o sr. juiz confie a educação de sua filha de preferencia ao pae, que será julgado mais digno...

—E pode ser isso?—exclamou numa voz angustiosa...
E num momento transformou-se-lhe o rosto e, apertando contra o seio a filha increpou:—Ninguem m'a tirava... Por causa d'ella...

E duas lagrimas silenciosas deslisaram pela face d'aquella mulher, que pretendia descaçar-se, com a mesma inconsciencia, com que casara, havia três annos!

Lagrimas redemptoras, que apagaram num instante a sede do divorcio e tornaram prompta e resoluta a soffrer tudo... por causa d'ella!...

BANCO DE PÉ.

Conde de Margarida

Este nosso illustre patricio, continua bastante mal.

Ao palacete de Sua Ex.^a, tem accorrido a cidade inteira a informar-se do seu estado.

Muitos telegrammas e cartas teem sido recebidos, no mesmo sentido, tendo-se informado do estado do venerando vimaranense o sr. presidente da republica, que para esse fim telegraphou á illustre familia Margarida.

Continuamos fazendo votos pelas melhoras do nosso venerando amigo

D. Julia Trepa

Amanhã faz annos a ex.^{ma} Senhora D. Julia Amelia d'Andrade de Souza Trepa d'Oliveira Ramos, dedicadissima esposa do sr. Antonio d'Oliveira Ramos e mãe muito extremosa dos nossos sympathicos amigos Adriano e Luiz Trepa Ramos.

Senhora das melhores virtudes e da mais fina educação, os Echos de Guimarães, saudando Sua Ex.^a fazem votos para que o dia do seu anniversario se prolongue por muitos annos.

Casamento

Realisa-se por todo o mez de dezembro, o casamento do nosso sympathico amigo Eduardo Costa com a ex.^{ma} Senhora D. Albertina Ferreira da Costa Faria, gentil sobrinha do impor-

tante capitalista de Villa do Conde, sr. Antonio Ferreira de Sousa Torres.

Antecipando os nossos parabens, fazemos votos pela felicidade dos noivos, desejando-lhes todas as venturas, como são dignos.

Tem estado doente, encontrando-se em vias de restabelecimento, o illustre titular sr. Visconde do Paço de Nespreira (Gaspar).

Está completamente restabelecido, o que muito estimamos, o nosso illustre collega de «A Nação» e presadissimo amigo sr. Eugenio Severim de Azevedo.

Esteve nesta cidade, o estimado capitalista sr. Cerqueira Machado

Esteve hontem em Guimarães, o nosso illustre amigo sr. Conde de Villa Pouca.

Esteve no Porto o nosso prestante correligionario sr. Dr. João Santarem.

Da capital regressou a Castello Branco, o nosso presadissimo amigo sr. Dr. José Maria d'Almeida Garrett.

Da capital regressou a Barcellos, o nosso illustre amigo e muito digno Presidente da Camara, d'aquella villa, sr. Dr. Mattos Graça.

Esteve entre nós o nosso sympathico amigo sr. João Corrêa de Bettencourt.

Está em vias de restabelecimento o abastado capitalista sr. José Corrêa de Mattos.

Partem amanhã para Braga, onde vão passar uma temporada, as nossas gentis patricias ex.^{mas} Senhoras D. Maria do Espirito Santo e D. Maria da Conceição Corrêa de Mattos.

Esteve hontem nesta cidade, com sua interessante filha, Mademoiselle Ludovina Eugenia, a ex.^{ma} Senhora D. Rita de Freitas.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta cidade, a ex.^{ma} Senhora D. Esther Gonzaga Ribeiro e sua ex.^{ma} filha D. Maria Eduarda.

Esteve em Guimarães o nosso amigo sr. Abbade João Antunes Moreira Leite.

Egualmente, vimos, nesta cidade, o importante proprietario sr. Antonio Antunes Machado.

NOTICIARIO

Uma boa noticia á ultima hora

Pessoa da maior confiança, chegada hontem de Lisboa, garantiu-nos de um modo absoluto que o sr. ministro da instrucção não auctorisou o celebrado Parapaios a exercer o cargo de administrador d'este concelho. Ora ainda bem.

Beneficio

Como annunciamos, realisou-se no Theatro D. Affonso Henriques, o beneficio em favor de alguns protegidos da Cantina Escolar.

Fertilizador Radioactivo H. B. C.

E' um poderoso estimulante da vegetação e precioso auxiliar da nitrificação das terras.

De incontestavel acção insecticida, é empregado em todas as plantas, dando magnificos resultados.

E' seu agente nesta cidade o sr. Antonio Machado, negociante á Rua da Republica e director do nosso collega Comercio de Guimarães.

Propaganda de Portugal

A sua obra.—As suas ultimas realisações.

Absolutamente conscia do seu dever, compenetrada de que da sua accção depende, principalmente, a vulgarisação do paiz, tanto cá dentro como no estrangeiro; certa de que do seu esforço persistente pódem advir beneficios do mais alto alcance, a «Propaganda de Portugal» não descurou ainda, nem por um instante, a sua missão eminentemente patriótica, empregando para a levar a cabo todos os elementos ao seu alcance, e pondo ao serviço das suas iniciativas a maior boa vontade, a maior persistencia, não desmerecendo nem por um momento do turismo portuguez. Assim a «Propaganda» procura alargar dia a dia a sua esphera d'acção, interessando na sua obra o maior numero possivel de pessoas, levando a sua influencia a toda a parte onde ella pode ser util e fecunda. E' em obediencia a este criterio que a «Propaganda de Portugal» tem procurado constantemente multiplicar suas Delegações, por saber que ellas, nas terras onde se installarem, constituirão nucleos apreciabilissimos de progresso local e serão a demonstração pratica da proficuidade de agremiações como a «Propaganda», que desinteressadamente procuram ser uteis ao seu paiz, trabalhando pelo seu progresso, pela sua civilisação, pela sua cultura, cada vez maiores e mais evidentes.

Este anno, por exemplo, o esforço da «Propaganda» tem sido coroado do maior exito. Seria fastidioso enumerar tudo o que se tem feito, mas é, sem duvida, util apontar os feitos mais salientes, que ficam caracterizando a accção da «Propaganda», porque d'elles, com certeza, bastantes beneficios devem resultar. Inaugurou-se, por exemplo, a Delegação das Caldas da Rainha, a qual ficou contando com o concurso das pessoas mais gradas d'essa excellente estação thermal, cujas bellezas naturaes e magnificas condições para o turismo muito convem conhecer. Na mesma villa, centro d'uma região privilegiada, onde o clima é suave, mesmo no pino do inverno, a «Propaganda», d'accordo com o director do Observatorio D. Luiz, para tambem estabelecer um posto meteorologico, que muito contribuirá para a vulgarisação das Caldas da Rainha como estação climaterica das mais bem dotadas de Portugal. A Delegação das Caldas, seguiu-se a de Amarante, inaugurada ha pouco ainda, tambem sob os melhores auspicios e patrocinada pela melhor gente d'essa villa lindissima das mais pittorescas que possuímos. A dois passos do Marão, banhada por dois rios, situada numa região cheia de encantos, Amarante bem merecia um organismo que a vulgarisasse e tornasse conhecida. E' isso o que vai fazer a Delegação da «Propaganda de Portugal» que alli acaba de estabelecer-se.

Além d'estas, outras Delegações se fundarão ainda em breve, como por exemplo as de Vizeu, Aviz, Villa Viçosa, Niza e Albofeira, estando muito adelantadas as negociações que foi preciso entabular para se levar a cabo mais essa grande obra de expansão em que a «Propaganda» anda empenhada. Por tudo o que tem feito e está fazendo em beneficio do paiz, a «Propaganda» merece bem os respetos e as sympathias de todos.

Do nosso collega, que hoje nos honrou com a sua visita, trancrevemos a saudação á nossa terra, agradecendo-lh'a muito sinceramente:

«O Orfeonista»

Do nosso collega, que hoje nos honrou com a sua visita, trancrevemos a saudação á nossa terra, agradecendo-lh'a muito sinceramente:

«A GUIMARÃES

E' o nosso brado! Breves dias distam d'aquella em que o «Orpheon Famalicense», sahirá pela primeira vez da sua terra para levar á nobre, á vetusta cidade de Guimarães, a harmonia deliciosa dos seus cantos, a belleza das suas musicas!

A Guimarães! Cheios de enthusiasmo e de justificado orgulho, cheios de mocidade, cheios de esperanca!

O nome d'esta terra que profundamente amamos, vai nos nossos labios, como pregão da nossa obra, como tropheu da nossa fé!

O teu nome, terra que idolatramos, será levado pelo Orpheon que

Cantando, o espalhará por toda a parte como a suprema aspiração de nós todos os que, nesta hora incerta que a mão mysteriosa do destino cobre, de tantas angustias, de tantas maguas, de tantas dôres, queremos insuflar no animo dos tristes e dos desalentados, um pouco da nossa alegria transparecendo no nosso cantar cheio de fé no RESURGIR!

Agradecimento

A Direcção da Associação Commercial de Guimarães, vem muito penhorada cumprir o dever de agradecer a todas as pessoas que a coadjuvaram na realisação das Festas Gualterianas, protestando o seu indelevel reconhecimento.

Guimarães, 9 de Novembro de 1916.

A Direcção.

cida mãe do nosso amigo sr. Joaquim Costa Leite.

O acto religioso, teve assistencia muito numerosa e selectissima, o que mais uma vez vem provar-nos a estima de que gosam as illustres familias Trepa e Andrade, que no meio da amargura e da saudade que a morte da veneranda extincta lhes trouxe, devera sentir um certo lenitivo, ao verem-se acompanhadas por tudo quanto ha de mais distincto naquella villa.

Sem duvida, os ultimos suffragios prestados á Senhora D. Ermelinda da Costa Leite, na matriz de Santo Thyrso, foram bem uma sentida homenagem, a que nos associamos, protestando mais uma vez o nosso sentimento á estimada familia anojada.

Pela mesma intenção, celebrou-se na Igreja da Pena, em Lisboa, uma missa, que foi muito concorrida, sendo distribuidas esmoladas aos pobres.

Orpheon Famalicense

Como já noticiamos é no dia 8 do proximo mez de Dezembro, que o «Orpheon Famalicense» visitará esta cidade, realisando á noite no Theatro D. Affonso Henriques uma recita com o seguinte programma:

1.^a Parte — Apresentação do Orpheon pelo sr. P. Gaspar da Costa Roriz.

2.^a Parte — Pelo Grupo Scenico, dirigido pelo sr. Alipio Guimarães:

«Doidos com juizo...» comedia em 1 acto.

3.^a Parte—Pelo Orpheon: A Tempestade, (coral); A Ventura, (Barcarola); Toque de Ave-Marias, (canção); Canção da Louzã.

Os bilhetes encontram-se á venda no Café Avenida.

LIVRARIA RELIGIOSA
Annexa á
Papeleria e Typographia Minerva Vimaranesense
68, Rua de Payo Galvão, 72
GUIMARÃES

LIVROS A VENDA:

Os Benefícios da confissão, por F. J. d'Ezerville, accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. Um volume de 60 paginas, em 8.^o.
Em brochura. 50 réis
Cartonado. 100 "

As Bem-aventuranças evangelicas postas ao alcance de todos, pelo Padre Deville, Doutor em Theologia. Tradução do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. Um volume de 64 paginas, em 8.^o.
Em brochura. 50 réis
Cartonado. 100 "

Conselhos sobre a educação, segundo o Veneravel Sarnelli. Accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. Um vol. de 112 pag., em 8.^o.
Em brochura. 100 réis
Cartonado. 160 "

Por que não haveis de commungar todas as manhãs em que ides á Missa? Opusculo altamente louvado por S. Santidade Pio X, traduzido pelo Padre José Lopes Leite de Faria e publicado com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. 32 paginas, em 8.^o—2.^a edição:
Avulso, franco de porte. 80 réis
Para propaganda, por cada 10 exemplares, pelo correio, 225 réis. De 100 exemplares para cima, cada um, franco de porte, 20 réis.

Officio da Immaculada Conceição, texto portuguez, com approvação ecclesiastica. Um folheto de 32 paginas, em bom papel:
Preço. 20 réis
Pelo correio, por cada 5 exemplares. 10 "

Pedidos acompanhados da importancia, a Antonio Luiz da Silva Dantas.

NINHARIAS

POR
José de Azevedo e Menezes
Refutação documentada dos erros commettidos pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire nos seus estudos publicados acerca dos Farias, de Barcellos.
A' venda na Papeleria e Tabacaria Lemos, Rua da Rainha.
PREÇO 800 RS.

"Portugal Filatelico"

Interessante revista mensal illustrada muito util aos colleccionadores de sellos e postaes illustrados. Larga informação e muito divulgada em todos os paizes.
Assignatura por anno 400 reis.
Todos os colleccionadores devem pedir hoje mesmo um numero «specimen» que se remette gratis.
Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administracão: Campo de Sant'Anna, 110—Braga. (6)

O que todos devem saber

Revista semanal illustrada
Director: **FRANCISCO DE ALMEIDA**
Auctor do Diccionario das Seis Linguas

BASES DA PUBLICAÇÃO

O que todos devem saber sahirá todas as semanas, em 8 paginas de texto acompanhadas de uma pagina artistica impressa em papel couché

ASSIGNATURA

Paga no acto da entrega

Numero avulso 40 rs.
Tomo de 32 paginas 160 "

Paga adeantadamente

Por anno—52 n.^{os} formando um volume de 416 pag. 1500 rs.
Por semestre—26 n.^{os} 800 "
Por trimestre—13 n.^{os} 450 "

Não se enviam quaesquer exemplares, nem se tomam assignaturas que não venham acompanhadas da sua importancia, afim de evitar embarços ao serviço da administração

ANNUNCIOS

Preços convencionaes

Como vantagem proporcionada aos assignantes, a Empreza facilitar-lhes-ha gratuitamente os preços de machinas, ferramentas e productos de qualquer genero que na publicação forem annunciados por fabricantes e constructores, quer nacionaes quer estrangeiros. Da mesma forma responderá ás consultas que se lhe dirijam relativas a assumptos geraes, e encarregar-se-ha da compra de machinas, aparelhos, instrumentos, etc., portuguezes e estrangeiros, devendo as suas importancias ser anticipadamente remetidas em vale do correio.

Na rubrica—CORRESPONDENCIA—estará em relação com todos os seus assignantes e leitores

Redacção e Administração

-133, Rua dos Poiaes de S. Bento, 135—**LISBOA**
Editores: **ALMEIDA, MIRANDA & SOUSA, LTD.**

Novidade litteraria

O VALOR DA RAÇA

Introdução a uma Campanha Nacional

Por **ANTONIO SARDINHA**

(Antonio de Monforte)

Como apresentação inserimos os titulos dos capitulos d'este monumental trabalho de investigação historica e primor de litteratura portugueza:

- A Verdade Portngueza
- A hypothese do Homo Europeus
- O genio occidental
- O espirito da Atlantida
- A theoria da Nacionalidade
- Integralismo Lusitano

Um volume de 210 paginas em bom papel, grande formato, 600 reis
Accresce o porte do correio, 50 reis

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos acompanhados da respectiva importancia aos

Editores:

Almeida, Miranda & Sousa, Ltd.

133, Rua dos Poiaes de S. Bento, 135

LISBOA

A EQUITATIVA DE PORTUGAL E ULTRAMAR

Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida
Seguros de Vida—Seguros Terrestres e Maritimos
Seguros contra accidentes de trabalho
Reservas em 31 de Dezembro de 1914, Esc. 510.207\$30
Indemnizações pa as, Esc. 301.265\$34
SEDE SOCIAL **LARGO DE CÂMÕES, 11 LISBOA**
NESTA CIDADE—O consoçio Antonio Luiz da Silva Dantas.
Rua de Payo Galvão, 70.

VITALIA

O Salgado com casa de modas, fazendas brancas, miudezas, chá preto e verde e vinhos finos da Ferreirinha é o unico depositario em Guimarães da **VITALIA** o melhor renovador do cabello infantil contra a caspa. Desconto aos revendedores.
RUA 31 DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO

PROCURATORIO

Ernesto Gomes de Castro, rua Visconde de Inhauma n.º 52, Rio de Janeiro, encarrega-se—com todo o zelo e mediante commissões modicas—de receber e fazer prompta remessa de rendas de casas, juros, dividendos e amortizações de quaesquer titulos, pagaveis naquella capital.
Tambem se encarrega de mandar fazer nos predios os concertos necessarios, fiscalizá-los, pagar impostos, etc.
Informações no Rio de Janeiro: com qualquer banco da praça ou com as importantes casas Gomes de Castro & C.^a e João Reynaldo, Coutinho & C.^a; e em Portugal: nesta cidade com o Snr. Francisco Joaquim de Freitas.

Ultima novidade scientifica

Qual é a fórmula da Terra?

POR
Mariotte

O livrinho "Qual é a fórmula da Terra?", que constitue o primeiro volume da nova colleção *Sciencia Popular*, destina-se a expôr ao grande publico a historia do grande problema scientifico da fórmula do nosso planeta, ainda hoje objecto de grandes discussões. Eis o summario dos capitulos:

I A imagem do mundo dos antigos

Um problema cuja historia se perde na noite dos tempos.—A imagem da Terra entre os gregos.—A imagem da Terra durante a Edade-Media.

II Theoria da esphericidade da Terra

Observações que mostram a rotundidade da Terra.—As primeiras medidas das dimensões da Terra.—Colombo, Magalhães e o problema da forma e dimensões da Terra.—Principio da medida d'um arco de meridiano.—O Padre Picard verdadeiro fundador da geodesia.

III O achatamento terrestre

O problema do achatamento po, ar posto pelas theorias de Newton e pelas observações de Richer.—Uma controversia celebre: cassinistas e newtonistas.—Valor do achatamento polar. Systema metrico.

IV A fórmula da Terra e as oscillações do pendulo

O pendulo e as suas leis d'oscillação.—Efeito da força centrifuga.—As variações da intensidade da gravidade reconhecidas pelo pendulo.—Formula de Clairaut.—Anomalias da gravidade.—O geóide.

V Theoria tetraedrica da fórmula Terra

Principio do systema tetraedrico.—Consequencias geographicas da forma tetraedrica.—Torção do tetraedro terrestre. Depressão intercontinental.—A theoria tetraedrica e as anomalias da gravidade.—A theoria tetraedrica e a distribuição dos tremores de terra e dos vulcões na superficie terrestre.

Um volume de 100 paginas, illustrado com 19 gravuras, 200 réis

Editores—**ALMEIDA, MIRANDA & SOUSA, LTD**

Echos de Guimarães

PUBLICAÇÃO SEMANAL

PREÇO DA ASSIGNATURA
(Pagamento adeantado)

Portugal, Ultramar e Hespanha
Anno 1\$300 rs.
Semestre 650 "
Trimestre 350 "
Estados U. do Brazil (anno) 2\$000 "
Paizes da União Postal 2\$500 "
Numero avulso 30 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES
(Pagamento adeantado)

Annuncios e communicados, linha 40 rs.
Repetições, por linha. 20 "
Permanentes, contracto convencional.
Reclamos, no corpo do jornal, até 5 linhas, cada um. 100 "
Annunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.
Annuncios, não judiciais, para os srs. assignantes, 25 % de abatimento.

P. LUIZ DIAS DA SILVA
SERMÃO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO
pregado na igreja matriz de Fafe, em 8 de Dezembro de 1912; acaba de ser editado num elegante opusculo, precedido da narração do
interessante episódio que determinou a sua publicação.
PREÇO, 60 RS.
Pedidos à Typ. Minerva Vimaranesense R. Payo Galvão—Guimarães.
Pelo correio 65 rs.

Echos de Guimarães

III Anno PUBLICAÇÃO SEMANAL Num. 32

Ex.^{mo} Snr.